



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE TEATRO

ANNA LUIZA MOTA PEREIRA

**S.A.E-SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO ESTAGIÁRIO:**  
**UMA EXPERIÊNCIA DE**  
***STAND UP COMEDY* A PARTIR DO ESTÁGIO OBRIGATÓRIO DA**  
**LICENCIATURA EM TEATRO DA UFS**

São Cristóvão – SE

2025

ANNA LUIZA MOTA PEREIRA

**S.A.E-SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO ESTAGIÁRIO:  
UMA EXPERIÊNCIA DE  
*STAND UP COMEDY* A PARTIR DO ESTÁGIO OBRIGATÓRIO DA  
LICENCIATURA EM TEATRO DA UFS**

Trabalho apresentado ao Departamento de Teatro  
como pré-requisito para conclusão do curso de  
Licenciatura em Teatro da Universidade Federal  
de Sergipe. Orientadora: Joana Angélica Lavallé  
de Mendonça Silva

São Cristóvão – SE

2025

ANNA LUIZA MOTA PEREIRA

**S.A.E-SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO ESTAGIÁRIO:  
UMA EXPERIÊNCIA DE  
*STAND UP COMEDY* A PARTIR DO ESTÁGIO OBRIGATÓRIO DA  
LICENCIATURA EM TEATRO DA UFS**

Trabalho apresentado à Universidade Federal de Sergipe  
como parte das exigências para aprovação em Licenciatura em  
Teatro.

São Cristóvão \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

Profa. Dra. Joana Angélica Lavallé de Mendonça Silva

---

Profa. Dra. Tereza Simone Santos de Carvalho

---

Prof. Dr. Carlos Cezar Mascarenhas de Souza

---

Prof. Dr. Gerson Praxedes Silva (Suplente)

---

## AGRADECIMENTOS

Em abril de 2019, quando cruzei as portas da UFS pela primeira vez, oficialmente como estudante, foi um turbilhão de sensações, eu não sabia o que esperar das aulas e da vida acadêmica como um todo, mas eu estava muito feliz de estar lá, e de ter a oportunidade de fazer um curso que estava relacionado com tudo o que eu gostava. No início, a ideia era mudar para cinema, felizmente isso não aconteceu, e mesmo não tendo escolhido o teatro ele acabou me escolhendo. Primeiramente gostaria de agradecer a Deus por me permitir chegar até aqui e por sempre guiar os meus caminhos, aos meus pais Aureni e Francisco, por sempre me apoiarem e me incentivarem a perseguir os meus sonhos e nunca me deixarem desistir, aos meus irmãos, Thiago, Lucas, Eliza e ao meu cunhado Alessandro, por todo apoio e suporte todas as vezes que precisei. Também agradeço aos meus avós Dometriz e Lobão, Elvira e José (*In Memoriam*) por sempre cuidarem de mim, contribuírem na minha criação e me ajudarem a me tornar a pessoa que sou hoje.

Agradeço também aos meus professores, por me desafiarem a tentar, mesmo quando eu achava que não iria conseguir, em especial a professora Joana Lavallé que me guiou durante a construção desse trabalho, aceitando as minhas ideias e sendo firme quando preciso, nenhum outro professor poderia ser meu orientador senão você, deixo também o meu muito obrigada ao meu querido amigo Marcos Galdino, que me ajudou desde o espetáculo *Água e Azeite* a projetar minha voz da melhor forma possível, além de me dar dicas incríveis de como melhorar minha dicção e respiração na hora de falar, agradeço pelos momentos de troca que tivemos e pelas caronas também, esse trabalho existe também por sua causa e desejo que possamos trabalhar juntos de novo no futuro pois eu admiro muito você.

Aos meus colegas por todos os momentos de partilha e por sempre me ajudarem a superar as minhas dificuldades. Estendo a minha gratidão aos meus queridos amigos: David e Jão (Cine Filósofos), por todos os momentos divertidos que tivemos juntos no Discord, assistindo algum filme ou só conversando, obrigada por cada risada, por compartilharem comigo meu amor pelo cinema, por me acolherem e me inspirarem também na minha vida no teatro.

Aos meus melhores amigos Palloma e Thalyson, muito obrigada por serem meu porto seguro em muitos momentos, sempre me incentivarem, acreditarem em mim, serem minha válvula de escape quando eu precisava relaxar e por enxugar minhas lágrimas durante os momentos difíceis.

Por fim, quero agradecer a mim mesma, que mesmo tendo começado essa jornada sozinha, diante das dificuldades, consegui chegar até aqui, e tenho muito orgulho disso, finalizo essa caminhada também sozinha, com a certeza de que valeu a pena continuar escolhendo o teatro todos os dias.

## RESUMO

O presente memorial acadêmico buscou relatar a construção do experimento cênico *S.A.E: Serviço de Atendimento ao Estagiário*, desenvolvido entre março de 2023 e setembro de 2024 no curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Sergipe (UFS), a partir das experiências da licencianda atriz Anna Luiza Mota Pereira sob a estética do *stand up comedy*. Para a construção deste memorial, foi necessário identificar o conceito de experiência, analisar o humor na psicologia dentro da cena, a origem do *stand up comedy*, bem como as anotações escritas durante os estágios obrigatórios, além de registros dos fragmentos de criação da cena visando entender como o estágio vai além de estar na sala de aula.

**Palavras-Chaves:** experiência, *stand up comedy*, estágio obrigatório, montagem teatral.

## ABSTRACT

This academic memorial sought to report on the development of the stage experiment *S.A.E: Intern Assistance Service*, developed between March 2023 and September 2024 in the Bachelor's Degree in Theater at the Federal University of Sergipe (UFS), based on the experiences of undergraduate actress Anna Luiza Mota Pereira within the aesthetics of stand-up comedy. To construct this memorial, it was necessary to identify the concept of experience, address humor in psychology within the scene, the origins of stand-up comedy, as well as the notes written during the mandatory internships, in addition to records the scene's creation fragments, aiming to understand how the internship extends beyond the classroom.

**Keywords:** experience, stand-up comedy, mandatory internship, theatrical production

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>1 O CONCEITO DE EXPERIÊNCIA E O ESTÁGIO OBRIGATÓRIO</b> .....	12
1.1 Aprender a ser professora.....	12
1.2 É tudo o que nos marca.....	14
<b>2 HUMOR NA PSICOLOGIA DENTRO DA CENA</b> .....	18
<b>3 ORIGEM DO STAND UP COMEDY E SUA CONSOLIDAÇÃO NO BRASIL</b> .....	24
<b>4 FRAGMENTOS DE UM DIÁRIO DE CONSTRUÇÃO DA CENA</b> .....	27
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	30
<b>APÊNDICE A – 2ª MOSTRA DE SOLOS: SAE - SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO ESTÁGIÁRIO</b> .....	31
<b>APÊNDICE B - SOB O OLHAR DO PÚBLICO-REGISTROS DA CENA</b> .....	37
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	47

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Iniciando a cena.....	35
Figura 2 – Explicando o conceito.....	36
Figura 3 – Em frente a banca.....	37
Figura 4 – Interação com o público.....	38
Figura 5 – Interagindo com a banca.....	39
Figura 6 – Provocando a banca.....	40
Figura 7 – Reação da banca.....	41
Figura 8 – Estágio e Serviço Público.....	42
Figura 9 – Tempo de Espera.....	43
Figura 10 – Final.....	44

## INTRODUÇÃO

Este trabalho trata da construção do experimento cênico intitulado *S.A.E – Serviço de Atendimento ao Estagiário*, construído entre março de 2023 e setembro de 2024, como base em experiências vividas durante o estágio supervisionado obrigatório, realizado na Universidade Federal de Sergipe. Busquei mostrar nesse experimento minhas insatisfações e frustrações com o estágio, evidenciando o pouco preparo que recebi antes de começar minhas atividades nas instituições de ensino, além de também mostrar como o sistema de ensino está defasado no que diz respeito à experiência em sala de aula

O objetivo geral deste trabalho é refletir, a partir da estética do *stand up comedy*, a respeito das experiências vividas no estágio obrigatório, tendo como objetivos específicos abordar as relações entre o conceito de experiência desenvolvido por Jorge Larrosa Bondía e outros autores e a vivência do estágio obrigatório, relacionar o humor a partir do olhar da psicanálise freudiana com a possibilidade de diálogo com o público, apresentar a consolidação do *stand up comedy* no Brasil, relatar em forma de diário momentos dos bastidores da construção da cena e registrar a dramaturgia desenvolvida pela autora deste memorial.

Meu nome é Anna Luiza, meu primeiro contato com o teatro se deu ainda na infância, a escola onde eu estudava levou algumas turmas incluindo a minha para assistir a uma peça infantil, a qual eu infelizmente não recordo o nome. Fiquei fascinada com tudo que vi, mesmo sendo uma peça montada de forma simples. Só conheci o teatro de fato quando entrei na Universidade. Esse texto foi escrito partindo do ponto de vista de uma estudante do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Sergipe, que deve realizar no curso quatro estágios diferentes tendo a carga horária de cem horas cada, em sua totalidade.

O Estágio 2 foi o que me impulsionou para a construção desse memorial pois, quando me matriculei pela primeira vez nessa disciplina, em março de 2023, não imaginava todos os percalços que surgiram pelo caminho, sendo o principal deles encontrar uma escola. Durante a minha busca, muitas recusaram a minha presença enquanto estagiária, ou não queriam um estudante do curso de Teatro na instituição. Até que surgiu a oportunidade de realizar o estágio em uma escola particular bem famosa, porém, mesmo tendo uma resposta positiva por parte do coordenador, meu estágio acabou não sendo feito lá, pois a escola, não foi muito solícita em me fornecer as informações necessárias para o preenchimento da documentação do estágio.

À medida que os dias iam passando minha preocupação só aumentava, cheguei a considerar desistir do estágio. Foi quando a professora Tereza Simone, do Departamento de

Letras-Libras, a qual me dava aulas de Política e Gestão Educacional, acabou me contando que a sobrinha dela era coordenadora de uma escola que fica próxima à minha casa. Após obter uma resposta positiva por parte da coordenadora da escola, saí praticamente correndo da UFS e me encaminhei para a instituição, não sem antes agradecer à minha docente por ter me ajudado a resolver essa questão. Falei com a coordenadora, ela foi muito gentil e permitiu que eu fizesse o estágio na escola, voltei outro dia para falar com a professora de Artes que iria me supervisionar e finalmente pude começar o meu estágio.

Depois de todas essas dificuldades, comecei a pensar em como o estágio tem muito em comum com situações de acesso ao serviço público, em muitos aspectos, como: o não atendimento por telefone, cada “setor” corresponde à uma pessoa diferente, é preciso fazer um agendamento prévio, além de ter a possibilidade de ser preciso comparecer várias vezes, caso alguma coisa não dê certo. E com todos esses apontamentos, veio a necessidade de externalizá-los de alguma forma. Foi quando eu vi uma postagem no *Instagram* do Centro Acadêmico de Teatro (CAT) sobre a II Mostra de Solos, que basicamente consistiu em duas noites de apresentações de cenas curtas produzidas pelos estudantes. Foi então que tive a ideia de escrever um texto cômico sobre todos os percalços que tive no estágio, utilizando a estética do *stand up comedy*.

De acordo com o *Memorial de construção do número de Stand Up Comedy: Por que eu não sou magra!*, de Gisele Aparecida (2015), *stand up comedy* que na tradução significa comédia em pé, surgiu nos Estados Unidos na segunda metade do século XX. Nessa época os comediantes performavam em programas de rádio, vistos apenas como contadores de piadas, tinham como função entreter o público durante os intervalos, por esse motivo ficaram conhecidos como “mestres de cerimônias”.

Sua consolidação no Brasil se deu nos anos sessenta através do comediante José Vasconcelos, e se tornou mais popular somente nos anos 2000, com o surgimento de humoristas mais jovens.

Em seu artigo *O humor* (1927), Sigmund Freud explica que existem duas maneiras pelas quais o processo humorístico pode ser realizado. Basicamente, o humor, não importando como é construído, pode ser direcionado tanto para quem está fazendo quanto para quem está ouvindo, o que gera a identificação.

Durante a minha escrita da cena, para abordar com mais autenticidade às semelhanças do estágio com o serviço público, acabei me inspirando no Serviço de Atendimento ao Consumidor (SAC), que é um canal que muitas instituições possuem, onde as pessoas podem

tirar suas dúvidas e também fazer algum tipo de reclamação. Acabei nomeando meu texto de *SAE -Serviço de Atendimento ao Estagiário*, criando, no experimento cênico, um recurso onde os estagiários também poderiam apresentar suas queixas e tirar suas dúvidas.

Com estrutura de memorial, que inclui o desenvolvimento de uma produção artística autoral por parte da licencianda, no primeiro capítulo, *O Conceito de Experiência e o Estágio Obrigatório*, abordei o conceito de experiência na educação, desenvolvido por Jorge Larrosa Bondía, relacionando com outros autores e o funcionamento do estágio obrigatório no curso de Teatro da UFS. No segundo capítulo, *O humor na psicologia dentro da cena*, relatei como o humor na cena pode ser utilizado como forma de lidar com as frustrações do estágio, com base no pensamento de Sigmund Freud a respeito do humor como expressão de frustrações e conflitos internos. No terceiro capítulo, *A origem do stand up comedy e sua consolidação no Brasil*, mostrei como surgiu essa vertente teatral e a sua popularização no Brasil. Por fim, no último capítulo, descrevi em forma de diário parte do processo de criação do experimento cênico de minha autoria. No apêndice, 2º Mostra de Solos: *S.A.E – Serviço de Atendimento ao Estagiário* transcrevi a dramaturgia que desenvolvi para a cena

## CAPÍTULO 1 – O CONCEITO DE EXPERIÊNCIA E O ESTÁGIO OBRIGATÓRIO

### 1.1 Aprender a ser professora

A lei 11.788, de 25 de setembro de 2008, dispõe sobre o estágio obrigatório como um ato educativo escolar supervisionado, que tem como objetivo preparar os estudantes para o mercado de trabalho. Dentro do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Sergipe, segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP) em vigor, descrito na Resolução N° 14/2020/CONEPE, o estágio obrigatório é dividido em quatro partes: Estágio Supervisionado 1 (observação), Estágio Supervisionado 2 (observação e regência em turmas do fundamental maior), Estágio Supervisionado 3 (observação e regência em turmas do ensino médio) e Estágio Supervisionado 4 (realização de um projeto autoral).

Segundo o artigo *Estágio e docência: diferentes concepções* das autoras Selma Garrido e Maria Socorro Lucena (2006), a docência se aprende fazendo, tal aprendizado acontece observando e às vezes até imitando bons exemplos, comportamentos em sala de aula de professores experientes, adaptando suas práticas, e dentro do estágio muitas vezes reproduzimos certos comportamentos dos nossos supervisores, e até mesmo dos professores que passaram pela nossa vida.

O exercício de qualquer profissão é prático, no sentido de que se trata de aprender a fazer ‘algo’ ou ‘ação’. A profissão de professor também é prática. E o modo de aprender a profissão, conforme a perspectiva da imitação, será a partir da observação, imitação, reprodução e, às vezes, da re-elaboração dos modelos existentes na prática, consagrados como bons (Pimenta; Lima; 2006, p. 3, grifos das autoras).

Na Resolução de Estágio Obrigatório N° 14/2020/CONEPE do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Sergipe são mostrados os critérios para a realização do estágio. Esse documento tem como objetivo padronizar os escritos que serão confeccionados durante o estágio supervisionado, também servindo de orientação no andamento das práticas, dentro dele é possível encontrar: como preencher cada parte da documentação, em quantas horas se divide cada estágio, como elaborar o relatório final e também os planos de aula a depender do estágio que se esteja fazendo.

Todavia, o fato da Resolução ser muito voltada para a parte burocrática do estágio acabou dificultando o meu entendimento do que de fato é o estágio na prática. Em muitos

momentos ela não foi muito eficaz em sanar minhas dúvidas, como quando uma escola se negou em me fornecer informações importantes para o preenchimento da documentação, sendo essa uma das maiores dificuldades enfrentadas na realização do estágio obrigatório. Ou quando após muitas paralisações dos professores do Estado, ocorridas nos dias 02 a 05 de maio de 2023 tendo como motivação a rejeição do reajuste salarial proposto pelo Governo do Estado, coincidindo com a reta final do meu estágio 2, me obrigando a refazê-lo.

O estágio se executa na interação dos cursos de formação com o campo social, onde se desenvolvem as práticas educativas. A profissão de professor também é prática, tendo como modo de aprendizagem, partindo da perspectiva da imitação, observação e às vezes da recriação de modelos existentes vistos como bons, e dentro do estágio a observação é uma parte muito importante pois assim podemos ver um docente se portar em sala de aula, além de analisar como ele conduz suas aulas.

A prática como imitação de modelos, passou a ser denominada por alguns autores como “artesanal”, todavia o exercício da docência pode envolver tais elementos em sua construção, mas isso não caracteriza de fato o modo de atuação do professor em sala já que diferentes pedagogias e metodologias podem ser aplicadas, de acordo com o método de ensino aplicado. Essa concepção parte de que a realidade do ensino é imutável e os alunos que a compõem também são, pois segundo a tradição, a escola só cabe ensinar, não considerando as transformações históricas e sociais. Ao valorizar as práticas e os modelos tradicionais de ensino vistos como bons, a escola resume seu papel a somente ensinar, se os estudantes não aprendem, o problema é deles, de suas famílias e da sua cultura que divergem daquela que a escola valoriza.

O fato de a escola não levar em consideração a diversidade dos seus alunos, como o conhecimento é transmitido, desresponsabiliza a mesma e coloca a culpa do “fracasso” nos próprios alunos. Partindo desse ponto, dentro dos estágios, principalmente aqueles realizados em instituições de ensino do Estágio 1 ao 3 ficamos limitados a observar sem poder interferir de alguma forma.

Qualquer profissão também tem seu exercício técnico, no sentido de que elas são necessárias para executar as operações e ações próprias. Tal como o médico, um dentista, que necessitam desenvolver suas habilidades para conseguirem operar os seus próprios instrumentos para realizarem o seu trabalho, o professor também precisa. Todavia, essas habilidades não são suficientes para resolverem os problemas com os quais se deparam.

As técnicas não dão conta das complexidades das situações encaradas por eles, reduzindo o profissional apenas ao ‘prático’, não precisando se apegar a teoria, somente as intervenções técnicas que derivam delas.

Essa compreensão muitas vezes tem sido traduzida em posturas divididas em que teoria e prática são tratadas isoladamente, o que causa graves equívocos nos processos de formação profissional. A aplicação de práticas sem o emprego das técnicas, sem uma reflexão de vida, pode acabar reforçando a ilusão de que existe uma prática sem teoria e de uma teoria sem prática. Isso reduz o estágio à hora da prática, ao como fazer, ao planejamento de aulas, preenchimento de fichas de observação, ao manejo da sala de aula, entre outros. Basicamente, o estágio é feito de teoria e prática, todavia existem momentos em que a prática se sobressai à teoria e tudo passa a acontecer em função dela.

## **1.2 É tudo o que nos marca**

Segundo Jorge Larrosa Bondía (2002), a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece ou o que toca, pois a cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Basicamente a experiência é tudo aquilo que nos marca a longo prazo de forma significativa, mesmo o nosso cotidiano sendo cheio de informações, muitas delas passam despercebidas, no entanto algumas situações acabam se tornando marcantes, como aconteceu comigo durante o estágio.

Bondía também destaca que a informação, além de não ser experiência, não deixa lugar para que a experiência aconteça, ela é quase o contrário da experiência, quase como uma anti-experiência. É importante destacar que é necessário separar experiência de informação, diferenciar do saber coisas, porque depois de ter lido um livro, visitado uma escola, assistido um filme, podemos dizer que sabemos coisas que antes não sabíamos, que estamos mais informados que antes, porém nada nos tocou ou marcou de alguma forma.

A experiência também é cada vez mais rara, por excesso de opinião. Já que o sujeito moderno além de ser informado, também opina, pois é alguém que supostamente tem uma opinião própria e pessoal e às vezes crítica sobre tudo o que se passa, sobre tudo aquilo que tem informação. Bondía pontua:

Walter Benjamin dizia que o periodismo é o grande dispositivo moderno para a destruição generalizada da experiência. O periodismo destrói a experiência, sobre isso

não há dúvida, e o periodismo não é outra coisa que a aliança perversa entre informação e opinião (Bondía, 2002, p. 3).

A periodicidade nos prende em uma rotina difícil de escapar, o que faz com que as experiências se tornem cada vez mais raras, pois o mundo que vivemos é cheio de informações, o que nos prende em uma espécie de *looping*, e esse cenário acaba sendo vivido dentro do estágio.

No entanto, ressalvas precisam ser feitas, por mais que o estágio seja algo periódico e padronizado, foram esses detalhes que permitiram o nascimento desse trabalho, pois ao estar inserida nesse cenário, pude perceber as tantas semelhanças que ele tem com um serviço público, todavia afirmo que não é sempre que se pode “fugir” desse padrão, pois, como já citado, o periodismo pode anular o nascimento da experiência.

Tempo é uma coisa que nos persegue durante o estágio, pois horas precisam ser cumpridas, prazos atendidos, tudo para que o estágio seja realizado com êxito, o que não nos permite ter uma oportunidade de ter uma experiência de verdade, já que a mesma seria algo que marcaria de forma significativa.

Em terceiro lugar, a experiência é cada vez mais rara, por falta de tempo. Tudo o que se passa, passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa. E com isso se reduz o estímulo fugaz e instantâneo, imediatamente substituído por outro estímulo ou por outra excitação igualmente fugaz e efêmera (Bondía, 2002, p. 4).

Nessa lógica de destruição de experiência, o autor destaca que os aparatos educacionais, também contribuem para que seja cada vez mais difícil que de fato algo aconteça.

O sistema educacional está preso a padrões de ensino de conteúdo atrasados, medindo o conhecimento dos alunos através de provas, não estimulando a criatividade, e a cada ano que passa, esse cenário continua se repetindo, o que faz com que os estudantes não tenham experiências reais dentro da sala de aula. Por mais que dentro do estágio exista a vontade de fazer diferente, por falta de recursos materiais, pedagógicos, além do pouco tempo que permanecemos na escola, acabamos reféns dessa realidade.

Outro ponto em que a experiência é rara é no ambiente profissional, por conta do excesso de trabalho. Ambos acabam sendo muito confundidos, pois existe um clichê segundo o qual nos livros e centros de ensino se aprende a teoria, o saber que vem dos livros e palavras, e no trabalho se adquire a experiência, o saber que vem do fazer ou da prática.

Importante destacar que Bondía (2002) menciona que o sujeito da experiência não se define por sua atividade, mas por sua passividade, receptividade, disponibilidade e abertura. O sujeito da experiência é um sujeito “ex-posto”, em “ex-posição”, é uma forma de nos “ex-pormos”, com tudo isso que implica em risco e vulnerabilidade, por isso é incapaz de ter algum tipo de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”, pois, a experiência não acontece com aqueles a que nada passa, acontece ou toca.

No artigo *A evolução do conceito de experiência*, Carvalho *et al.* (2021, p. 10) é relatado que no século XVI, o filósofo e teólogo Erasmo Desidério defendeu que a natureza era suficiente para ensinar ao homem como ele deveria ser e adquirir determinado conhecimento para sua sobrevivência. Todavia, é só a partir da educação que o homem consegue superar a natureza, a partir do uso da razão aperfeiçoada, o hábito natural do homem de aprender pode ser desenvolvido em sua plenitude.

Diferente da percepção de “superação da natureza”, o iluminista inglês John Locke defendeu, no século XVII, a ideia de que todo conhecimento deriva, e estava fundamentado na experiência. Na percepção de Locke, a criança nasce como uma folha em branco, e, a partir da observação, pode construir ideias que derivam da sensação e da reflexão (Carvalho *et al.*, 2021, p. 11, grifos dos autores).

Ou seja, as sensações, são fonte das ideias, percebe-se a ideia, se reflete sobre ela e a transforma em conhecimento, esse processo faz parte do conceito de experiência, que é abordado pelo autor, pois a partir da experimentação se consegue absorver sensações, refletir e construir ideias.

Outro ponto abordado por Locke é a diferença entre razão e experiência, para ele, razão pode ser entendida como a capacidade de criar hipóteses, de deduzir, verdades desconhecidas de princípios já conhecidos, ou seja, é trazer uma nova análise e suposições sobre conhecimentos já firmados e gerar novas discussões.

Já que a experiência, avança quando permite que se experimente o conhecimento e o descobrimento de outras qualidades que coexistem no campo da ideia, pois desse modo a experiência ensina o que a razão não pode.

No século XIX, a experiência passa a ser vista de forma diferente. Na ótica do filósofo Herbert Spencer a experiência seria a chave para que o homem não agisse de forma ou gênero vistos com maldosos, ou tenha atitudes tolas e indignas de um homem bem educado. E mesmo que as circunstâncias se encaminhassem para atos maldosos, a experiência garantiria ao homem

refletir sobre seus atos e não desse continuidade a atitudes danosas.

Dessa forma, Spencer entende a educação como um processo moralizador, pois o seu conceito de experiência indica que ela serve para guiar o homem em suas atitudes. Assim, a experiência, em sua compreensão, regula as atitudes do homem, pois ela demonstra e permite que o homem saiba quando sua atitude pode ser mal interpretada ou imprópria para sua conduta. O filósofo também destaca que a experiência precisa ser refletida, a prática precisa caminhar para o empírico e passar pelo campo racional. Tal concepção está relacionada com a ideia da educação e da experiência serem atos regulatórios da moralidade

Após os conceitos apresentados, é perceptível que cada autor define experiência, baseado nos anseios da sociedade em que estavam inseridos, experiência e educação caminham juntas. Não que elas sejam dependentes uma da outra, mas a educação pode trazer entendimento do que é experiência, além de também evidenciar a falta dela em muitos casos.

Se o experimento é preditível e previsível, a experiência tem sempre uma dimensão de incerteza que não pode ser reduzida. Além disso, posto que não se pode antecipar o resultado, a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem “pré-ver” nem “pré-dizer” (Bondía, 2002. p. 9, grifos do autor).

A experiência, sendo algo tão imprevisível, dá abertura para que qualquer coisa possa acontecer, sejam elas boas ou ruins.

A primeira nota sobre o saber da experiência se refere ao fato de que o conhecimento, ou o saber, não é apenas algo teórico ou abstrato, ele tem uma ligação profunda com a existência de uma pessoa, pois conhecimento vem da concreta experiência de viver a própria vida, que é única para cada indivíduo. A experiência e o saber que dela deriva, é o que nos permite apropriar-nos da nossa própria vida.

A segunda nota sobre o saber da experiência visa evitar a confusão de experiência com experimento, limpando a palavra *experiência* das contaminações empíricas e experimentais e de conotações metodológicas e metodologizantes. Em suma, o objetivo do autor é separar o conceito de experiência de processos científicos ou experimentais, visando uma compreensão mais ampla e menos técnica, evitando que o significado de experiência seja reduzido a métodos controlados de forma empírica, como é o caso dos experimentos científicos.

A experiência não é algo que se possa antecipar o resultado, pois sempre existe a possibilidade de fazer algo pela primeira vez, o que traz uma dimensão de incerteza no processo,

pois ela não é um percurso até um objetivo já traçado, ela é uma abertura para o desconhecido onde não se pode antecipar ou adivinhar o que vai acontecer.

## CAPÍTULO 2 - O HUMOR NA PSICOLOGIA: DENTRO DA CENA

O riso já vem sendo objeto de investigação de muitas áreas do conhecimento, como a psicologia e a filosofia. Segundo o *Dicionário de Filosofia*, o cômico é “[...] o que provoca o riso, ou a possibilidade de provocá-lo através da resolução imprevista de uma tensão ou de um conflito” (Abbagnano, 2007, p. 154).

Ou seja, o cômico está ligado ao riso e a surpresa. O humor aparece quando uma expectativa é subvertida, ou quando o conflito é resolvido de maneira inesperada, por exemplo, diante de uma situação tensa, se a resolução se apresenta de forma diferente do esperado, isso pode gerar um efeito cômico, pois o riso não é uma reação, mas uma resposta à essa quebra de expectativa, essa dinâmica é fundamental para a criação de piadas.

Apesar de, na atualidade, o humor majoritariamente se concentrar no entretenimento, ele pode funcionar também como recurso para fins educativos e questionadores, por exemplo, as charges de personagens como Hagar, Calvin, Mafalda, presentes no campo jornalístico e adotadas em avaliações escolares, que apresentam críticas sociais a temas variados.

O humor também traz à tona certos comportamentos, atitudes ou traços da nossa personalidade que não gostamos de evidenciar tão abertamente, mudando nosso ponto de vista sobre certas coisas, estimulando nossa mente sobre ideias muitas vezes já preconcebidas.

Tentar explicar o riso, traz o risco de ter a sua essência perdida, afinal esse não saber torna o estudo cada vez mais fascinante, e até mesmo frustrante pois ele continua sendo um mistério, mesmo com tantas teorias a respeito.

Em *O Humor* (1927), Sigmund Freud analisa duas maneiras pelas quais o processo humorístico pode acontecer. Pode ocorrer com relação a uma pessoa isolada, em que ela mesma adota uma atitude humorística, ao passo que uma segunda pessoa representa o papel de espectador que dela deriva prazer, ou pode efetuar-se entre duas pessoas, uma das quais não toma parte alguma no processo humorístico, mas é tornada objeto de contemplação humorística pela outra.

A minha criação cênica se encaixa no primeiro exemplo, pois utilizei o humor para desabafar sobre as dificuldades pessoais encontradas na experiência do estágio. Quem assistiu a apresentação da cena na Universidade Federal de Sergipe na II Mostra de Solos em 2023, riu tanto pela forma que tudo foi contado, como também pela identificação com a situação, afinal todos lá eram alunos do curso de Teatro e em algum momento realizaram o estágio obrigatório.

O humor é elaborado na porção mais complexa e refinada do ser, não tem ligação, pelo menos aparente, com o instinto humano primitivo de sobrevivência. O humor se reproduz para dar prazer intelectual e tem total identificação com a cultura e a realidade que o indivíduo vive. Na síntese freudiana o humor tem a função de dar prazer e superar as dores da realidade, colocando-se acima delas (Soares, 2013, p. 7).

O humor e o riso também podem ser utilizados como válvula de escape para as pressões que a realidade nos impõe e muitas vezes nos mostram que é possível encarar as dificuldades com mais leveza, até mesmo a experiência do estágio. Já que ao me utilizar do humor, pude falar tudo o que eu pensava referente ao estágio de forma que ao trazer tais apontamentos à tona não soasse agressivo.

Em 1905, Freud publicou *Os Chistes e sua relação com o inconsciente*, onde buscou desvendar o que torna uma piada risível e o que é o riso para a economia psíquica. O chiste é uma formação psíquica do inconsciente, que destaca as dimensões do sentido e do desejo presentes na sua produção, o que esse discurso vai enfatizar na técnica do chiste e do seu efeito humorístico, é que ele possui os mesmos mecanismos da condensação e deslocamento, pelos quais o inconsciente se apresenta nos sonhos, atos falhos e sintomas.

Dessa forma, para Freud, os chistes o prazer tem origem na economia e na despesa de inibição, no cômico, o prazer deriva de uma economia na despesa com o emprego em alguma representação que se mostra supérflua. Por fim, no humor o prazer procede de uma economia na despesa com o “sentimento”, ou seja, com algum afeto que deixamos de experimentar.

Uma apreciada definição do chiste considera-o a habilidade de encontrar similaridades entre coisas dessemelhantes, isto é, descobrir similaridades escondidas. Jean Paul expressou esse próprio pensamento em forma de chiste: ‘O chiste é o padre disfarçado que casa a todo casal’ (Freud, 1905, p. 8).

Ao relacionar o estágio obrigatório com o serviço público, pude mostrar semelhanças entre os dois temas. Como por exemplo, ambos funcionam em horário comercial, documentações e prazos precisam ser seguidos.

Apesar da importância desta obra *O Humor* da atualidade e relevância do tema, este ensaio foi o menos consultado pela comunidade psicanalítica, e a produção escassa de artigos sobre o tema pelos psicanalistas pós-freudianos reforça esta constatação.

Daniel Kupermann, em *Ousar Rir: humor, criação e psicanálise* (2003), aborda que, segundo Freud, há uma “intenção” transmitida pelo humor, na qual reside sua “característica principal”. Enquanto a pilhéria constituinte do fenômeno é vista apenas como “algo preliminar”, é a esta intenção que devemos o caráter “elevado e enobrecedor” do humor, a “dignidade” que

nele encontramos. Freud faz questão de ressaltar que falta aos chistes, finalmente, nesta intenção é transmitida tanto ao eu do humorista quanto às outras que residem na sua “grandeza”.

Resumindo, para Freud, o humor de qualidade é aquele que transcende a piada rasa, exibindo uma intenção mais profunda e enobrecendo a experiência de quem ri e de quem faz rir, essa “intenção” é o que dá ao humor sua verdadeira grandeza, dignidade e valor.

Em suma, o humor também pode servir como um mecanismo de defesa, permitindo que a pessoa se afaste de problemas reais, o que na psicanálise pode se assemelhar a contextos onde a realidade é transformada a fim de trazer algum tipo de alívio ou conforto. Ao mesmo tempo, ainda que seja uma forma de se lidar com os reveses, o humor também pode ser um mecanismo mal visto socialmente em momentos mais complexos.

Diante das dificuldades cotidianas, o humor, o chiste e o riso trazem leveza e nos ajudam a lidar com os problemas oferecendo outras perspectivas, lembrando que, apesar de tudo, vale a pena rir e encontrar alegria na jornada da vida. Me utilizar do humor para desabafar sobre as minhas frustrações com o estágio, permitiu que eu pudesse lidar com o tema de forma muito mais leve, além de perceber que não era só eu quem passava por isso, talvez tenha sido a primeira pessoa a expor de forma tão aberta.

### **CAPÍTULO 3 - A ORIGEM DO *STAND UP COMEDY* E SUA CONSOLIDAÇÃO NO BRASIL**

*Stand up comedy* é uma expressão de língua inglesa que classifica um espetáculo de humor, executado apenas por um comediante, que geralmente se apresenta em pé, ou seja, *stand up*. De acordo com o *Memorial de construção do número de Stand Up Comedy: Por que eu não sou magra!* de Gisele Farias, esse gênero surgiu nos mestres de cerimônia, mais especificamente no mestre de cerimônia inglês Philip Astley, em 1770, na inauguração do *Astley's Royal Amphitheatre of Art*, que pode ter sido o primeiro circo do mundo, e com o aparecimento de circos, boates e cabarés, os mestres de cerimônia faziam rápidas intromissões entre os números e contavam piadas para animar os shows.

Na primeira metade do século XX, grandes figuras do rádio foram consideradas precursoras da comédia *stand up*. Na época de ouro do rádio, Mestres de Cerimônia, como Bob Hope abriam seus programas fazendo piadas com temas do seu cotidiano. Todavia o *stand up comedy* atingiu sua forma atual somente em meados dos anos cinquenta, quando deixou de ser composto só de piadas curtas e se transformou em uma apresentação em que se discursava comicamente sobre temas políticos, sociais e sexuais.

No momento da consolidação do *stand up*, surgiu o polêmico Lenny Bruce, que era considerado um dos comediantes que mais desafiavam o limite da fala, pois abusava muito de obscenidades, defender a liberdade de expressão, e por suas apresentações conterem palavrões e ofensas a pessoas públicas, famosas, governantes e políticos.

Na década de setenta, o *stand up* teve um crescimento muito grande nos Estados Unidos, onde foram lançados comediantes como: George Carlin, Richard Pryor, Robert Klein, Steve Martin. Esse estilo de comédia se consolidou, teve o seu grande *boom* nos anos oitenta. Judy Carter, outro grande nome da comédia nos Estados Unidos, surgiu nessa época.

Na década de sessenta, o precursor do *stand up comedy* no Brasil foi José Vasconcelos, seguido por nomes como Jô Soares e Chico Anysio. Estes além de se apresentarem no palco, tiveram programas humorísticos próprios na televisão. No entanto, o estilo só se tornou febre nos anos 2000 com a popularização de humoristas da nova geração, que fazem muito sucesso nos dias atuais em diversas mídias, como a televisão e sobretudo na Internet com a popularização das redes sociais.

Atualmente, o *stand up* assumiu uma nova roupagem e ganhou novos elementos cênicos. Muitos artistas utilizam diferentes elementos cênicos em suas apresentações tais como:

trilha sonora, figurinos, maquiagem, alguns incorporam personagens ou até mesmo se apresentam em grupo. A característica principal é a apresentação em pé e a abordagem de assuntos cotidianos. Se antes o *stand up* era apresentado somente em teatros e clubes de comédia, hoje ele conquistou mais espaços tanto na televisão quanto na internet, o que permitiu seus principais representantes assumissem grandes programas de entrevistas, seriados, e pela sua popularidade aparecerem na teledramaturgia, a minha proposta de cena é me apresentar de cara limpa, e contar de forma engraçada e descontraída minha experiência com o estágio obrigatório, trazendo sua semelhança com o serviço público e tendo algumas intervenções de trilhas sonora em alguns momentos, com a finalidade de além de entreter quem vai assistir, contar coisas que ninguém me falou sobre o estágio.

O humor característico do *stand up* diverge de todas as outras modalidades de shows humorísticos por carregar a indelével propriedade de tratar sobre a vida coloquial, sobre os assuntos sociais mais prosaicos e tem a sua legitimação no reconhecimento do público, que assiste, se identifica e ri a partir da performance do humorista. Não existe a intenção de dar cabo do real, mas as observações cômicas feitas pelo humorista, tem função de abrir caminhos para o entendimento de algo que muitas vezes é muito complexo, até mesmo para quem tem um entendimento maior dos contextos sociais.

O humorista *stand up* deve esquematizar acontecimentos sociais de uma forma crítica, para que os mesmos estejam presentes na sua performance, o que foge de uma explicação óbvia da realidade e exibe uma visão particular e até mesmo absurda da sua existência. Talvez trazer o entendimento do ser de uma forma inesperada, seja o melhor que o humor tem a oferecer, retratando e questionando a existência da sociedade de forma cômica. Outro ponto que precisa ser ressaltado é que *stand up* não é improvisado, claro que o improvisado acontece em muitos momentos. A habilidade do comediante permite que não seja possível perceber o que foi improvisado e o que de fato está presente no texto ensaiado.

O humor e a experiência estão bastante ligados. No caso, minhas experiências pessoais que inspiraram uma escrita cênica ocorreram dentro do estágio. Faz sentido utilizar-me da estética do *stand up comedy* como expressão das experiências dentro do estágio obrigatório. Narrativas que abordam sobre o gênero estão muito presentes em apresentações de *stand up comedy*, pois conversam sobre as relações e as situações cotidianas.

Todavia, se partirmos da “frequência” dessas narrativas, destacando os estereótipos gênero populares fica evidente a diferença quantitativa entre os comediantes homens e mulheres no palco.

O que traz o pensamento, de como as mulheres lidam com esse tipo de humor em suas performances. “Então, em um palco massivamente ocupado por homens, em que pouquíssimas mulheres se apresentam – e daí, ainda, que não necessariamente se tecem poucos dados, mas que, sem dúvidas, ainda são limitados também pela quantidade de comediantes – o que estariam elas falando sobre si e sobre nós mesmas? Esta é a pergunta central que este íterim propõe, mas que, no entanto, ainda necessita da explicitação de alguns elementos chaves para caminharmos para nosso objetivo” (Sechinato, 2017, p. 4, grifos do autor).

O cenário do humor sempre foi ocupado majoritariamente por homens, o que os permitiu ditarem as regras do que seria engraçado ou não, o tipo de piada que poderia ser feita, e isso acabou contribuindo para o crescimento de piadas machistas, sexistas, mas a entrada das mulheres no humor, trouxe a reflexão se esse tipo de humor é realmente engraçado. Pois, sendo uma mulher e estar na frente de várias pessoas tecendo comentários, ainda que cômicos, sobre coisas que me incomodavam no estágio, me permitiu ver que mulheres devem ocupar cada vez mais esses espaços dentro do gênero do *Stand Up Comedy*.

Em 2022, Judy Carter deu uma entrevista ao programa *The Noite* do SBT (Sistema Brasileiro de Televisão). A comedianta conta que, enquanto estava em Chicago para um show, houveram alguns problemas e ela se recusou a se apresentar. E enquanto ela chorava no camarim, uma moça que era uma das *coelhinhas* da revista *Playboy*, disse que ela deveria ir e ser ela mesma, e foi nesse momento que ela percebeu que a comédia é sobre falar a verdade.

A construção da minha cena partiu da vontade de contar sobre o estágio do ponto de vista de quem está fazendo, com todas as dificuldades e imprevistos que surgem no caminho. Para isso foi preciso fazer registros diários de tudo o que acontecia durante o estágio. A forma de diário de bordo, apresentado a seguir, foi utilizada também para registrar o processo de retomada de construção cênica.

## CAPÍTULO 4 - FRAGMENTOS DE UM DIÁRIO DE CONSTRUÇÃO DA CENA E DO TCC

O Estágio Obrigatório na graduação de Licenciatura em Teatro, é dividido em quatro partes: no estágio 1 eu observei as aulas e acompanhei à docência na prática; nos estágios 2 e 3 realizei as mesmas atividades, mas também exerci regência em turmas do fundamental maior e ensino médio trazendo novos desafios à condução das aulas e a interação com os estudantes. O estágio 4 ainda não foi realizado.

Depois de ver uma publicação no *Instagram* do Centro Acadêmico de Teatro sobre a 2a Mostra de Solos resolvi escrever um texto cômico baseado nos meus perrengues com o estágio. Dei o nome a cena de *S.A.E- Serviço de Atendimento ao Estagiário*, a minha primeira versão do texto não fazia muito sentido quando eu lia, então depois de apresentar para um amigo, resolvi reescrever e o resultado final foi que eu apresentei. A partir de agora irei transcrever em forma de diário alguns momentos do processo de construção da cena.

*13 de fevereiro de 2025*

Em algumas reuniões de orientação, Joana me sugeriu que eu buscasse alguém que pudesse me dirigir cenicamente. Depois de muito procurar, Marcos Galdino um colega que é aluno do curso de teatro e ator, preparador vocal e também um excelente pintor se ofereceu para me dirigir, o que me deixou muito feliz, pois na montagem teatral *Água e Azeite* (2023), além de me deixar minimamente afinada, também me ajudou muito a projetar minha voz, o que é algo muito difícil para mim.

Nessas primeiras semanas nos encontrávamos na UFS, já que tínhamos aula juntos. Galdino me indicou ótimos exercícios vocais para que a minha dicção melhore e todos possam me entender bem. Quando fico nervosa costumo gaguejar e falar bem rápido, o que pode atrapalhar na hora da minha apresentação e na hora da defesa, além de também poder projetar a minha voz da melhor forma possível.

Galdino sugeriu que eu me gravasse enquanto estivesse ensaiando, para assim poder perceber com mais facilidade o que precisa ser melhorado. Os ensaios presenciais ainda não começaram, mas a ideia é apresentar esse texto pessoalmente para ele, pois assim terá uma noção maior do que pretendo fazer.

*27 de fevereiro de 2025*

Continuo fazendo os exercícios vocais, mesmo esquecendo de gravar as vezes, o ensaio presencial ainda não aconteceu. No entanto a escrita tem fluído bem, porém, esses dias o TCC, ficou parado pois eu tive uma enxaqueca horrível e não consegui escrever nada, mas pretendo voltar amanhã. Quero finalizar a primeira versão ainda no início de março, quanto ao texto cômico, acrescentei algumas coisas e alterei outras.

*28 de fevereiro de 2025*

Galdino e eu estamos ensaiando durante a semana na UFS, porém como me senti indisposta, essa semana não houve ensaio. Meu estágio obrigatório está perto de começar, então os ensaios terão que ser remanejados para outro dia.

*29 de fevereiro de 2025*

Hoje escrevi mais um pouco no texto durante um intervalo no TCC, também revi anotações e relatórios de estágios passados, a fim de ter alguma inspiração para escrever. Olhei também a resolução de estágio do curso e acho que consegui tirar boas ideias do que escrever, eu só preciso organizar tudo para que as coisas possam fazer algum sentido, provavelmente a escrita vai fluir melhor quando o estágio começar, pelo menos assim eu espero.

*11 de março de 2025*

Hoje eu me reuni com Joana de forma virtual e contei para ela sobre o andamento do TCC, ela me sugeriu alguns nomes para os capítulos, além de algumas alterações na escrita. Expliquei para ela a dinâmica dos ensaios, e os dias tinham que mudar por conta do meu estágio que se inicia essa semana, ela se mostrou interessada em assistir, eu fiquei de confirmar um dia com Galdino e dar um retorno, provavelmente vai ser no final de semana.

As gravações dos exercícios vocais continuam acontecendo.

*14 de março de 2025*

O ensaio foi confirmado, resta acertar o lugar e o dia. Meu estágio já começou e eu já estou fazendo as minhas observações, para acrescentar na minha dramaturgia. Até o momento nada de muito interessante aconteceu.

*26 de março de 2025*

Eu tinha marcado um ensaio com Joana e Galdino, no sábado, porém eu tive um imprevisto e tive que desmarcar, ele foi remarcado para hoje. Cheguei na UFS, perto das 17 horas, encontrei Joana conversando com Gilton, um colega de curso que é um ótimo dramaturgo que foi quem escreveu *Água e Azeite*, logo depois Galdino chegou e fomos para a Sala Preta.

Na sala, Galdino e eu fizemos um rápido aquecimento vocal e eu apresentei o texto para eles, incluindo Gilton. Foi bom apresentar para uma plateia, eles me deram ótimos conselhos e ideias de como deixar o texto melhor e também como trazer mais a temática de serviço para o texto. Eu também aproveitei para sugerir alguns efeitos sonoros para certos momentos do texto.

Esse texto foi escrito há um pouco mais de um ano, uma das maiores motivações para escrevê-lo, além de todos os percalços passados no estágio, foi também para contar coisas que ninguém me contou enquanto eu fazia o estágio, ou me preparou melhor. Claro que o estágio é um processo diferente para cada um que o faz, todavia eu quis contar para os meus colegas que algumas coisas podem ser feitas de outra forma.

*03 de abril de 2025*

Eu estava em casa preparando slides para um trabalho da minha disciplina de filosofia da educação, quando Joana me ligou e disse que achava melhor adiar minha defesa para o próximo semestre, o que eu concordei pois eu estava muito cansada e estressada com o TCC, além do que esse semestre foi muito apertado eu não pude me dedicar as minhas outras disciplinas incluindo o estágio da forma que eu deveria. Nas férias eu não mexi no TCC.

*07 de abril de 2025*

Fiz exercícios vocais e escrevi mais um pouco no texto, confesso não estar mexendo muito pois tirei as férias para descansar e me concentrar no estágio, que por sinal é o que eu menos gostei de fazer e mal vejo a hora de acabar.

*16 de maio de 2025*

Joana mandou ontem um e-mail marcando uma reunião de orientação para hoje, nós conversamos sobre o andamento do TCC e marcamos uma nova data para defesa dia 28 de julho às 10 horas da manhã.

*19 de maio de 2025*

Mandei um convite por e-mail para os professores que vão compor minha banca de defesa sendo ele a professora Tereza Simone e o professor Carlos Mascarenhas, no mesmo dia recebi a confirmação da professora Tereza

*27 de maio de 2025*

Solicitei minha matrícula para o TCC e foi aprovada, o estágio tem andado muito monótono e nada de muito interessante tem acontecido, por conta deles ainda não consegui marcar um ensaio presencial com Galdino.

*11 de julho de 2025*

Joana marcou uma reunião para hoje na UFS, mas não consegui ir pois tive um imprevisto familiar

*15 de julho de 2025*

Me encontrei com Galdino na UFS pela tarde e ensaiei com ele até a hora da minha aula, foi muito bom pois ele me deu ótimas dicas de interpretação, projeção de voz. Ele foi tomando notas do que eu precisava fazer e depois me passou tudo para que eu continuasse ensaiando em casa

*18 de julho de 2025*

Joana me avisou que minha defesa teria que ser adiada de novo, pois na reunião do colegiado foi pedido que as defesas de TCC acontecessem na última semana de agosto ou na primeira semana de setembro

Enquanto eu esperava uma nova data para minha defesa, continuei trabalhando na minha cena, buscando mais referências durante o estágio, assisti shows de *Stand Up Comedy*, de comediantes famosos. Os ensaios continuaram acontecendo, claro que houveram momentos de dificuldade em que meu processo ficou parado por conta do meu cansaço físico e mental. A defesa foi adiada mais uma vez por conflito de agenda dos professores que fariam parte da banca, usei esse tempo para me dedicar mais ao meu trabalho e melhorar o que precisasse.

A ideia inicial era ter um diário onde ficasse registrado o processo de criação da minha cena, mas em algum momento a escrita da cena e a construção do TCC passaram a coexistir e não era mais possível separá-las. Felizmente esses fragmentos podem mostrar em parte, ainda que de forma resumida, como a cena nasceu. A construção de todo esse processo não foi nenhum pouco fácil, aprender a ser professora enquanto me descobria alguém engraçada, foi algo surpreendente, pois em muitos momentos tudo o que eu queria era desistir desse estágio em turmas do Ensino Médio. Sendo bem sincera, foi o que eu menos gostei de fazer, pois apesar de ter sido bem recebida na escola, para a minha supervisora a minha presença não parecia fazer diferença em suas aulas, afinal nem questão de me apresentar às suas turmas ela fez. Todavia, aprender a ser professora foi o que me fez criar esse trabalho, e me mostrou que o professor realmente precisa fazer um pouco de tudo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nunca me vi como uma pessoa engraçada e descobrir esse lado foi uma novidade para mim, a verdade é que escrever esse texto foi uma forma de lidar com o desespero causado pelas tantas dificuldades que o estágio curricular obrigatório trouxe, além de cenicamente dar uma certa alfinetada no Departamento de Teatro.

Para além do registro de parte da construção do experimento cênico *S.A.E- Serviço de Atendimento ao Estagiário* e do que a embasou, esse trabalho demonstrou como o estágio obrigatório pode ir além de se estar na sala de aula. A experiência de estar em sala de aula é muito maior do que estamos acostumados a ver, e o estágio muitas vezes não dá abertura para que a experiência exista de fato, por ser algo muito padronizado, contendo instruções, prazos, e por esse motivo, nada que nos marque a longo prazo acaba acontecendo, esse trabalho acabou sendo uma exceção. Uma coisa interessante é que depois que eu apresentei esse texto na *2a Mostra de Solos*, sempre que alguém tem alguma dúvida relacionada ao estágio eles vem falar comigo.

Me colocar na posição de professora pela primeira vez me permitiu encarar um outro ponto de vista do que é estar em sala de aula, pois até então eu só fazia o papel de aluna, era bem mais fácil, pois me cabia somente sentar na cadeira e assistir às aulas. A partir do momento em que seria minha a responsabilidade conduzir aquelas turmas ainda que por pouco tempo, me mostrou como a teoria não foi suficiente para aplacar o medo e o nervosismo que cresciam dentro de mim, em muitos momentos não me foi oferecido um suporte por parte daqueles que um dia já estiveram na minha posição, o que me fez pensar em que momento um professor esquece que um dia também já foi aluno.

Utilizar a estética do humor *stand up comedy* a fim de mostrar dificuldades pessoais com o estágio curricular no curso de Licenciatura em Teatro, me permitiu mostrar como o humor não funciona somente como recurso de entretenimento, também é uma forma de compartilhar nossas inquietações com o mundo que nos rodeia. O estágio obrigatório é um momento do curso em que nos preparamos para sermos professores, comandar uma sala de aula não é algo fácil e ao construir essa cena, cada vez mais eu me dei conta disso, esse trabalho serviu para mostrar que a experiência pode aparecer em ocasiões inesperadas, o que as torna marcantes. Espero que esse trabalho seja uma luz para aqueles que em algum momento se encontrarem perdidos por conta do estágio.

**APÊNDICE A – 2ª MOSTRA DE SOLOS: S.A.E.: SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO ESTAGIÁRIO - Dramaturgia Transcrita**

S.A.E – Serviço de Atendimento ao Estagiário

(Toque de 30 de segundos do instrumental da música *Ni de ti*, de Tini Stoessel, antes da minha entrada)

- Bem vindos ao Serviço de Atendimento ao Estagiário, o único lugar onde você encontra tudo o que você precisa saber sobre o estágio, exceto quando começam as matrículas, isso aí tá fora da minha alçada. O estágio marca o início do semestre mais do que as aulas. E tal como um serviço, ele funciona em partes.

A primeira parte se dá no início do semestre quando Adelmo manda a Resolução atualizada do estágio para todo mundo, e a resolução é como uma Bíblia, você anda com ela debaixo do braço, ela é o seu guia durante o estágio, o coitado sofre tanto com as mesmas perguntas sobre o estágio que o Departamento agora tem um quadro com todas as principais dúvidas, quando alguém pergunta alguma coisa ele nem responde mais, só aponta pro quadro.

O estágio obrigatório, é um momento do nosso curso em que nós saímos por um tempo da posição de alunos e entramos na posição de professores, e também começamos a conhecer a fundo como é estar em sala de aula e como funciona uma escola em todo o seu contexto. E esse processo é dividido em algumas humilhações ... ops! etapas, eu não sei se andar de meias pela escola quando a sola do seu tênis simplesmente solta pode ser chamada de etapa, mas tudo bem

A segunda parte é conseguir um orientador , você manda e-mails pros professores na esperança deles terem piedade da gente e aceitarem (tem professor aí não, né ?), muitos não aceitam por estarem cheios ou porque estão sem tempo para orientar alguém , mas eu acho que eles têm uma cota do quanto conseguem conviver com a gente por determinado período , acho que é por isso que Micael voltou pro Acre, também pode ter sido porque o chamei de calvo em uma aula, mas acho que não, e Gerson foi fazer pós doc. mas quando um deles finalmente aceita começa a procura por uma escola .

A procura pode levar um bom tempo, já que muitas não vão aceitar, uma vez eu liguei para uma escola pra saber se eu podia fazer o estágio lá e quando eu disse que era do curso de Teatro, a ligação caiu. Pior que não é nem meme, outra disse que não estava aceitando estagiários do curso de Teatro, eu fiquei me perguntando o motivo disso, se ele ou ela por acaso

chegou lá com os olhos vermelhos, não estava fumando maconha, estava chorando mesmo, pelo menos eu acho.

Depois vem a parte da documentação que pode ser um pouco chata de preencher, já que cada parte tem uma formatação diferente e quando você envia parece que acontece uma mágica e vai tudo fora de ordem, uma palavra vai maiúscula, seu nome vai na parte no do nome da escola, eu não faço ideia do porque isso acontece, deve ser pra testar a paciência, teve uma vez que eu me bati tanto para colocar os objetivos, já que nunca estava certo, eu quase coloquei que meus objetivos era conseguir por um objetivo, pra ver se dessa vez dava certo. Por fim é só começar o estágio.

Eu fiz o estágio 1 e 2 duas vezes cada, pois muitas coisas na minha vida funcionam a partir da segunda tentativa, eu espero que não seja o caso deste trabalho

Quando eu fiz estágio 1 que é só observação (vulgo melhor estágio de todos) pois você tem um passe livre para julgar todo mundo e isso é maravilhoso, eu pude ver que adolescente é tudo cara de pau, eles simplesmente fazem tudo e não estão nem aí se você está na sala ou não, eles entram e saem da sala o tempo todo, fazem barulho durante a aula, colam durante a prova bem na sua frente, eu fico impressionada.

Eu fiz o meu estágio 2 em turmas do Fundamental que pertenciam ao PROSIC (Programa Sergipe Na Idade Certa), basicamente esse programa fazia com que os alunos tivessem a chance de cursar a série de acordo com a sua idade. E uma vez durante uma aula da turma do 9º ano, os alunos estavam bem espalhados no auditório que era onde estava acontecendo a aula, e com isso o barulho estava altíssimo, e eu já falo meio baixo, nesse dia com a garganta doendo, falei mais baixo ainda, na metade da aula mais ou menos um dos alunos olha pra mim e diz: Ei, fale mais alto, o que eu respondi com toda educação: venha você para frente.

Outra vez, eu estava na sala dos professores aguardando a minha supervisora terminar de aplicar o simulado para as turmas do Ensino Médio, quando chega uma professora dizendo que dois alunos discutiram na sala e um deles era de uma torcida organizada e tinha trazido uma faca. Eu fiquei bem assustada na hora e acabei pegando meu telefone, nessa hora um professor perguntou o que eu ia fazer, eu respondi que estava procurando na resolução de estágio o que fazer nessas horas.

Vendo tudo isso eu comecei a comparar e ver que o estágio tem muito em comum com um serviço público, porém o serviço público tem uma tendência um pouco maior de atender o

telefone. Mas os dois tem horário de funcionamento, tem que agendar a visita para solicitar o serviço, tem a divisão de setores dependendo do serviço que você queira, mas na escola são pessoas específicas, uma das poucas diferenças é que quando você liga para escola não tem aquela musiquinha de espera quando estão transferindo a ligação (tocar música de espera de telemarketing). Para achar o e-mail de Joana, disque 1, para saber quantas horas tem o estágio disque 2, para saber os pré-requisitos do estágio disque 3 e para ouvir todas as opções de novo, disque 0.

Uma prova do quanto os dois são parecidos, foi quando eu liguei para uma escola e marquei para ir lá falar com o coordenador sobre o estágio, cheguei lá, falei com ele, expliquei tudo, ele disse que tudo bem fazer o estágio lá, aí eu marquei para ir lá de novo falar com o professor e pegar os dados da escola, liguei confirmando que eu ia e também mandei mensagem para o coordenador, tudo certo, chego lá, me pedem para esperar, me sentei em uma das cadeiras e fiquei esperando: *“times goes by so slowly, times goes by so slowly, times goes by so slowly”*, foi passando o tempo e nada, até depois de meia hora ou mais, o rapaz da recepção chegou pra mim e disse que o professor tinha ido embora, fiquei bem desesperada nessa hora pois o tempo de envio da documentação estava acabando, e eu tentando explicar pra ele que eu precisava falar com o professor, e ele olhando pra mim com uma cara de pena, mas certeza que ele estava pensando isso (*Tocar a música “Yes, and?” da Ariana Grande a partir do minuto 1:20*) até a stalker eu banquei, pra tentar achar o professor. No fim, Sane me passou o Instagram desse professor, aí eu mandei mensagem para ele e acabei descobrindo que ele sequer sabia que eu ia estar na escola e que os dias que eu achava que ele estaria lá estavam errados, certeza que tudo isso foi só porque eles têm preconceito com pobres e devem chutar eles na rua, eu vi a mensalidade da escola e pensei: é realmente não ia dar certo, tenho nem roupa pra estagiar aqui. Uma vez eu cheguei, assisti uma missa na igreja da escola e no final o padre falou que a escola estava no período de matrículas e todos podiam matricular os seus filhos lá, nessa hora eu falei baixinho com meu pai: “eles só não podem ser estagiários”.

No final deu tudo certo e fui estagiar em outra escola, a lição que eu tiro disso é: sempre faça estágio em escola pública, a facilidade para conseguir tudo é muito maior.

Mas mesmo com todos os desafios e desgastes o estágio é um ótima ferramenta para testar a força do estômago, porque você chegar numa sala de aula e ter um monte de adolescente te encarando e você não se borrar inteiro ou não sair correndo é pra se comemorar, mas falando sério, mesmo com toda dificuldade e desgaste o estágio é uma experiência muito enriquecedora, se colocar nessa posição de professor não é nada fácil, mas saber que você pode fazer um

adolescente despertar a criatividade, a imaginação não tem preço , segurem firme e não pirem, porque no fim dá tudo certo .

E se você tem alguma dúvida sobre o estágio, escaneie esse QR Code e me chame no WhatsApp, que eu esclareço tudo.

FIM

**APÊNDICE B - SOB O OLHAR DO PÚBLICO - REGISTRO DA CENA**

Figura 1 – Iniciando a cena



Fonte: Arquivo Pessoal da Autora (2026).

Figura 2 – Explicando a cena



Fonte: Arquivo Pessoal da Autora (2026).

Figura 3 – Em frente a banca



Fonte: Arquivo Pessoal da Autora (2026).

Figura 4 – Interação com o público



Fonte: Arquivo Pessoal da Autora (2026).

Figura 5 – Interagindo com a banca



Fonte: Arquivo Pessoal da Autora (2026).

Figura 6 – Provocando a banca



Fonte: Arquivo Pessoal da Autora (2026).

Figura 7 – Reação da banca



Fonte: Arquivo Pessoal da Autora (2026).

Figura 8 – Estágio e Serviço Público



Fonte: Arquivo Pessoal da Autora (2026).

Figura 9 – Tempo de Espera



Fonte: Arquivo Pessoal da Autora (2026).

Figura 10 – Final



Fonte: Arquivo Pessoal da Autora (2026).

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- Barros MEB de, Freitas MC de A, Chambela SMG. **DIÁLOGOS ENTRE O CONCEITO DE EXPERIÊNCIA EM WALTER BENJAMIN E A CLÍNICA DA ATIVIDADE**. Trab. educ. saúde [Internet]. 2019;17(2):e0020435.
- BONDIA, Jorge Larrosa, Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. 2002, n° 19, página 1-11, 19 de abril.
- CARVALHO, Daniel Bramo Nascimento de; CALIXTO, Milton Carlos; OLIVEIRA, Advanusia Santos Silva de; NASCIMENTO, Ester Fraga Villas-Boas Carvalho do. **A EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO**. **Revista Ibero-americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 7, n. 6, p. 34–50, 2021. DOI: 10.51891/rease.v7i6.1353.
- FARIAS. Gisele Aparecida. **Memorial de construção do número stand up comedy: Por que não sou magra!** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Cênicas) Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Florianópolis, 2015.
- FREUD, Sigmund. **O humor**. Rio de Janeiro: Imago, 1927.
- FREUD, Sigmund. **Os Chistes e a Sua Relação com o Inconsciente (1905)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Volume VIII, 1905, Imago.
- GRANDE, Ariana. *Yes, and?* Los Angeles: Republic Records, 2024.
- KUPERMANN, Daniel. **Ousar a rir, humor, criação e psicanálise**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- MORAIS, Marília Brandão Lemos. Humor e psicanálise. **Estud.psicanal.**, Belo Horizonte, n. 31, p. 114-124, out. 2008.
- PIMENTA, LIMA. Selma Garrido, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência: diferentes concepções**. *Revista Poiesis- Volume 3, Números 3 e 4*, pp. 5-24, 2005/2006.
- PORTO, Juliane dos Santos. **A performatividade do discurso feminino em shows de Stand up comedy**. 36 p. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Licenciatura em Letras – Português / Inglês e Respectivas Literaturas) – Universidade Federal do Pampa, Campus Bagé, Bagé, 2016.
- SECHINATO, Juliana Spagnol. **O que dizem as mulheres no palco? riso e gênero no humor ao vivo**. 13° Mundos de Mulheres & Fazendo Gênero 11: Transformações, Conexões, Deslocamentos. Florianópolis 2017.
- SOARES, Frederico Fonseca. **A leitura antropológica pelo humor stand-up**. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*. v. 12, n 35, p.480-492, agosto de 2013.
- STOESSEL, Tini. *NI DE TI*. Argentina: Hollywood Records, 2024.

THE, Noite. Entrevista com a comediantes americana Judy Carter. Youtube, 12 de julho de 2022. 26m27s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4iZwyS4ND0I>, acesso em: 30/05/2025.

Universidade Federal de Sergipe-UFS. **Projeto Pedagógico do Curso de Teatro-Licenciatura.** Disponível em: <https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/graduacao/curriculo/lista.jsf> acesso em: 16/04/2026.